

NA BOCA DO POVO

CONSUMO

Os shoppings são a melhor opção para fazer compras?

GLENDIA DE AGUIAR
18 anos, estudante



■ “Não gosto de fazer compras em shoppings. Prefiro os brechós. Nos shoppings não há nada que me agrade muito. Para mim, a única coisa boa nos shoppings são os cinemas.”

CLÁUDIO R. DOS SANTOS
23 anos, operador de rádio



■ “Acho que sim. Sempre que posso, vou aos shoppings, porque eles oferecem mais variedade e mais opções de compra. Os shoppings também são mais bonitos do que o comércio de rua.”

EVERALDO DO NASCIMENTO
32 anos, bancário



■ “Prefiro comprar nos shoppings porque há várias opções de lojas. Também se pode passear, ou apenas olhar as vitrines. Gosto das lanchonetes, dos cinemas e das opções de divertimento para as crianças.”

IRACI PEREIRA
38 anos, consultora de marketing



■ “A resposta a essa pergunta depende do shopping. Os preços variam muito entre eles. Por isso, procuro sempre pesquisar. Não compro roupas nos comércios das entrequádras porque acho mais caro.”

ARNALDO PEREIRA MACEDO
44 anos, funcionário público



■ “Costumo fazer compras principalmente em shoppings. Há mais opções, mais segurança e os preços são razoáveis. Mas, quando os preços são atrativos, não vejo nenhum problema em fazer compras no comércio de rua.”

CLEIDE ARAÚJO SANTANA
20 anos, vendedora



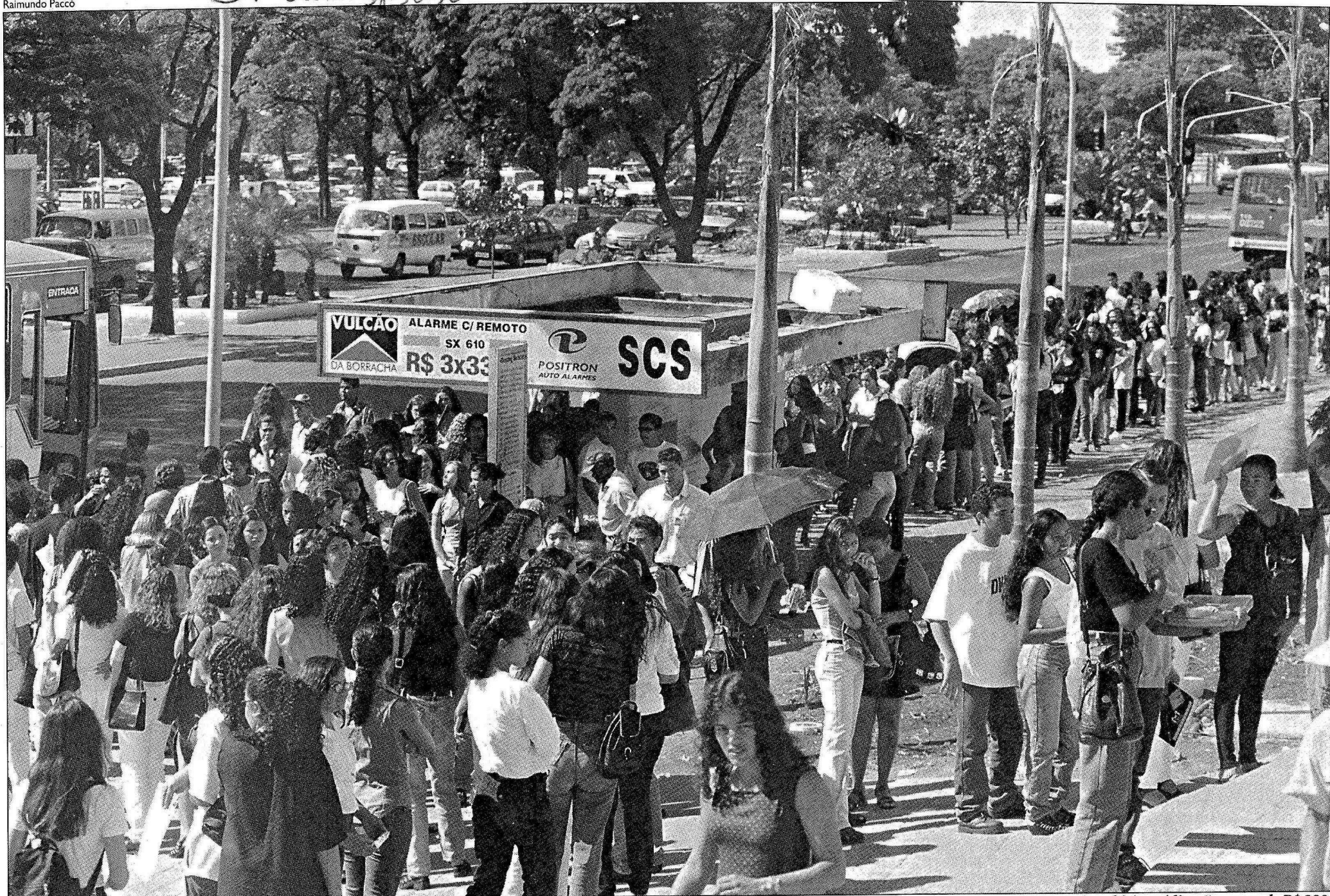
■ “São a melhor opção porque neles as pessoas se sentem mais à vontade. Há mais segurança e tudo está disponível num mesmo lugar. É por isso que prefiro fazer compras nos shoppings.”

ÀS COMPRAS

10

Shoppings estão em funcionamento no Distrito Federal

Raimundo Paccó



Oferta de 70 vagas na Marisa atraiu multidão de mulheres ao Pátio Brasil. Calor, sede, fome e desconforto não foram obstáculos na batalha por um emprego cujo salário médio não passa de R\$ 220

Vestibular para desempregadas

Duas mil candidatas passam metade do dia na fila por uma vaga de balconista ou caixa de loja de moda feminina. Só 70 serão escolhidas

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Uma avalanche de mulheres. E olha que o garoto propaganda Maurício Mattar, símbolo das calcinhas cor-de-rosa e sutiãs da loja, nem estava estavala. Mas isso era apenas um detalhe. Ontem, na verdade, o galã não estava com essa bola toda. O assunto era outro. Bem mais sério que tietagem de fã enlouquecida. Debaixo de um sol arrasador, mais de 2 mil mulheres apostaram todas as fichas num novo emprego nas Lojas Marisa, o paraíso da moda popular feminina, que no início da semana que vem abre novo ponto de venda no Pátio Brasil. No shopping recém-inaugurado na W3 Sul, desde as primeiras horas da manhã, a multidão de mulheres foi chegando. Algumas, precavidas, até dormiram na porta do shopping. Outras, mal o dia tinha amanhecido, já estavam lá. Carteira de identidade, título de eleitor, cabeça abarrotada de esperança e o vale-transporte de volta. Valeu tudo. Figa, reza para o santo preferido, promessa. A desempregada Déborah de Je-

sus Almeida, de 26 anos, saiu de Ceilândia Norte confiando no emprego nas Lojas Marisa. Pegou o ônibus às 6h e uma hora e meia depois estava no Pátio Brasil. Veio com o dinheiro contado: a passagem de ida e volta. Dinheiro para lanche? “Que lanche, que nada. Você já viu desempregada comer fora?”

E não se pode dizer que Déborah não tem batalhado. “Desde julho estou à procura de emprego e até agora, nada. Faço ficha em tudo que é lugar. Só não fui fichada ainda na delegacia”, consegue brincar a moça, que sobrevive do seguro-desemprego. “O dinheiro tá acabando”, diz, com ar de preocupação.

Às 10h, o sol queimava os miolos das candidatas. A fila formava zig-zague e estava do lado de fora do shopping, próxima à parada de ônibus. Houve até um pequeno engarrafamento dos pedestres.

Guarda-chuva para amenizar o calor, abanos improvisados, caras cansadas, ânimos diminuídos, suor pelo rosto, vontade de desistir. Umas até foram embora. Outras insistiram. Quando se pensava que a fila ia diminuir, logo apareciam mais mulheres. Chegavam em massa.

CONCORRÊNCIA

Mais de
2 mil
mulheres disputam
70
vagas nas Lojas Marisa

“CIDADE DESEMPREGADA”

Atônito com o que assistia, o gerente de segurança do Pátio Brasil, Amadeu Borges, de 40 anos, admitiu: “Em 12 anos de profissão, nunca vi fila como essa atrás de emprego. Às 5h aqui já tinha gente.” Em seguida, olhando fixamente para aquela imensa fila que insistia em aumentar, lamentou: “Brasília hoje é uma capital desempregada.”

Se tem alguém que entende o que o gerente de segurança quis dizer é a também desempregada Odete Maria dos Santos, de 36 anos. Casada, dois filhos, há sete meses ela perambula à procura de uma vaga “em qualquer coisa”.

Desde que saiu do último emprego, onde trabalhava como repositora de um supermercado, Odete não conseguiu mais voltar ao mercado.

Ontem, com a ficha de número 215, ela depositou todas as esperanças.

“Tô aqui pra desmaiar de fome e de sede, mas se a gente não tentar, não consegue nunca”, encorajava-se às 10h45. Ao meio-dia — sol mais quente do que nunca — Odete permanecia na fila. Impassível. Sem arredar um pé do lugar em que se encontrava. “Cheguei aqui às 6h. Só saio depois que fizer a ficha. Preciso desse emprego.”

SALÁRIO

A multidão que se acotovelou na fila para disputar as 70 vagas oferecidas pela nova loja Marisa do Pátio Brasil nos cargos de auxiliar de estoque, balconista, serviços gerais e operadora de caixa sequer sabia quanto era o salário — um grande mistério.

As gerências da rede em São Paulo e Brasília não quiseram informar quanto pagam para cada função. Mas o Correio apurou que o salário da loja corresponde, como em todas as outras lojas de departamento, ao de mercado.

Em suma: as 70 mulheres ganharão salário comercial, algo em torno de R\$ 220, e para algumas funções — como de caixa e vendedora — há um adicional, que é chamado de comissão. Juntando tudo, o contracheque no final do mês não chega a R\$ 500.

“Pra quem não tem nada fixo, isso é o paraíso”, comemorou a desempregada Maria do Socorro So-

brinho, de 30 anos e há dois “viver de bico”. Ela saiu de Sobradinho no primeiro ônibus para garantir uma vaga na fila.

A última vez que Maria do Socorro “foi fichada”, trabalhou como auxiliar de limpeza numa empresa de computadores. De lá pra cá, improvisa empregos. “Tenho dois filhos e não posso mais viver nessa incerteza. Meu marido trabalha em frigorífico e ganha pouco.”

SONHO DE FÃ

Se umas querem tanto o emprego, apostam nele como a única saída, outras estão mais “a fim de realizar um sonho”. É o caso de Carmem Teresa Araújo, de 19 anos.

“Fico emocionada quando vejo o Maurício Mattar fazendo propaganda na televisão das Lojas Marisa. Meu sonho é um dia ver ele (sic) de pertinho”, confidencia a moça, que estudou até a 8ª série, saiu da Cidade Ocidental de madrugada para garantir uma vaga e tem loucura para vestir o uniforme das vendedoras da Marisa.

Às 10h50, depois de mais de quatro horas em pé na fila que fazia zig-zague, os sonhos de Carmem foram cedendo. Nem Maurício Mattar, se aparecesse, seria capaz de encorajá-la. “Meus pés estão com bolhas”, reclamou. “Se demorar mais um pouco, acho que vou desistir.” E desistiu. Carmem pegou um ônibus até a Rodoviária e voltou para casa. Emprego? “Fica pra próxima.”

Cansada de fazer bico e quebrar galho

Fila recorde, gente desesperada à procura de uma vaga no mercado de trabalho, mães de família apostando tudo numa nova chance de emprego. Tudo isso tem explicação plausível. Mais que isso: essas pessoas estão lutando pela própria sobrevivência. Luta que às vezes pode ser desigual.

Pesquisa da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) realizada em agosto aponta que na capital da República existem 155,1 mil desempregados, o que corresponde a 18% da população economicamente ativa — gente com idade e condição para o trabalho, mas à margem do mercado.

O segurança Amadeu Borges (o homem que disse que Brasília é uma cidade desempregada) não leu a pesquisa da Codeplan. Não analisou os números. Na verdade, ele nem sabia que existe pesquisa sobre isso. Tampouco entende muito bem o que querem dizer expressões técnicas do tipo “população economicamente ativa” ou coisas do gênero.

Não foi preciso ler, entender, analisar. Ontem, o agente de segurança do Shopping Pátio Brasil viu — ao vivo e quase sem cor nenhuma — milhares de mulheres aflitas e ansiosas brigando por uma vaga nas lojas da rede Marisa. Ficou estarecido. Na sua simplicidade, sem

“TENHO CERTEZA QUE NÃO ARRUMEI TRABALHO ATÉ AGORA POR CAUSA DA IDADE. ELES SÓ QUEREM MOCINHA NOVA, DE 20 ANOS, COM CORPINHO BONITO”

Vera Lúcia Farias
38 anos, desempregada

qualquer embasamento técnico-filosófico, Borges analisou: “Isso aí é fruto do desemprego que assusta a cidade.”

PRECONCEITO

A desempregada Vera Lúcia Farias, de 38 anos, também não viu a pesquisa. Pior: ela sente na pele o que os números representam. Sabe muito bem o que é ser uma das 155 mil pessoas sem emprego em Brasília.

“Meu último emprego, há três anos, foi como telefonista de supermercado. De lá pra cá não consegui mais nada. E olha que tenho tentado, tudo que sai em jornal eu corro atrás, faço fixa e até agora...”, conta a ex-telefonista.

Para sustentar o filho, a desquitada Vera Lúcia começou a fazer bicos. “Era quebra-galho em salão de beleza. Mas vi que não dá pra viver sem uma coisa fixa”, avalia. Foi para

ter um emprego com carteira assinada, “alguma coisa fixa”, que a ex-telefonista enfrentou a quilométrica fila na porta do shopping.

“Não tomei nem café da

manhã, mas isso não importa agora. Pela graça de Deus vou conseguir”, esperava a mulher, que se tornou fiel da Igreja Universal do Reino de Deus na esperança de conseguir o milagre do emprego.

Vera Lúcia só teme uma coisa: o preconceito com a idade. “Tenho certeza que não arrumei trabalho até agora por causa da idade. Eles só querem mocinha nova, de 20 anos, com corpinho bonito”, reclama Vera, com uma pasta cheia de currículos debaixo do braço. “Já fui até agente de segurança”, conta.

Se Vera reclama da idade, Ana Lúcia Santos, de 17 anos, corre atrás do seu primeiro emprego. Saiu do Gama às 6h15 e chegou ao Pátio Brasil às 7h45. Pegou a senha de número 448. “Vou conseguir um emprego de repositora da Marisa”, repetia, sentada no chão do shopping, vencida pelo cansaço. (MA)

Vera Lúcia com a senha para fazer ficha na Marisa: três anos de bicos

Glaucio Dettmar

